

FAZENDO ESCOLA COM IMAGENS

Escolas, espaços-tempos do aprender

Regina Coeli Moura de Macedo

"Estudar: algo (se) passa. Entre ler e escrever algo (se) passa."
[Larrosa (2003, p.5)]

É possível falar, pensar ou imaginar esse "algo que (se) passa entre o ler e escrever?" Vendo essas imagens de escola e colocando-nos diante delas, perguntamos: o que nos sugerem e despertam? Nesses



espaços-tempos aparentemente vazios e desocupados da escola acontecem os diálogos que nos possibilitam ouvir, falar, conhecer, encontrar, aprender, ensinar, produzir significados, enfim. Espaços-tempos que estão entre os sujeitos das escolas, todos os

que participam dos sentidos que a elas e com elas é possível atribuir. Entre os sujeitos, as coisas, os saberes e os conhecimentos, a interação e o diálogo vão acontecer.

Uma idéia bastante divulgada sobre as escolas é a de que o que lá vivemos e podemos encontrar é a repetição. O que o texto citado de Larrosa provoca pensar é que esses espaços-tempos são, na linguagem em sua multiplicidade, espaços-tempos de possibilidades. Possibilidades em dois sentidos, basicamente. O primeiro como potencial, pois os acontecimentos que podem se dar com e nos sujeitos são imprevisíveis e incontroláveis. O segundo como limite – e isso ao mesmo tempo. Pois, justamente por serem incontroláveis, as possibilidades dos acontecimentos nos espaços-tempos das escolas são limitadas. Não temos

como controlar os corpos, as mentes, os sentimentos, os pensamentos dos sujeitos das escolas. Podemos pensar, em alguns momentos, que isso é possível ou mesmo tentar em outros, mas a plena realização desse controle é uma impossibilidade, daí o limite.

Diante das imagens de escola que vemos, portanto, podemos procurar desenvolver um processo de compreensão sobre o que *se passa entre o ler e escrever* na busca da pergunta ou das perguntas. O levantamento de perguntas pode significar o próprio processo de compreensão sendo tecido. Interrogar as imagens é parte desse processo de levantamento de perguntas.



Larrosa (2003) fala da leitura do texto feita em comum, na amizade, diz que ela é realizada numa forma particular de comunidade, *uma unidade que suporta e preserva a diferença, um nós que não é senão a amizade de singularidades possíveis*

(p.143).

O que vamos encontrar nas escolas, no jogo de interações que se realiza nesses espaços-tempos de possibilidades é, muitas vezes, essa congregação de leitores em torno do texto, em torno do que é comum. E o comum não se refere ao mesmo, ao igual para todos, ao realizado, feito da mesma maneira por todos.

O comum do texto é, assim uma comunidade de diferenças, ou estritamente, uma conversação (idem, p.143).

Então, nas salas de aula, quando entre professores e alunos acontece a leitura do comum do texto, o encontro nesse comum, no *espaço em branco de onde se mostram as diferenças*, acontece o aprender, *o movimento de pluralidade do aprender* (id. ib., p.144). Esse

aprender implicado, ao mesmo tempo, com o coletivo e com o individual significa a realização de um partilhar de sentidos que se dá simultaneamente à atribuição de sentidos que se faz solitariamente, no silêncio. É possível perceber, portanto, os encontros que se realizam no comum do texto que se dá a ler, a presença dessa forma de aprender na amizade, na partilha de sentidos possíveis que acontece nos espaços-tempos existentes entre os sujeitos e as coisas das escolas.

REFERÊNCIAS

- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.
- _____. *Estudar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

sobre o(a) autor(a):

Professora do Colégio Pedro II cedida à Secretaria Municipal de Educação de Mesquita. Mestre em Educação pelo ProPEd/UERJ.